
ALIENAÇÃO E EXPLORAÇÃO DO TRABALHO EM KARL MARX: ATUALIDADE E CONTRIBUIÇÕES À SOCIOLOGIA CONTEMPORÂNEA

ALIENATION AND EXPLOITATION OF WORK
IN KARL MARX: PRESENT AND CONTRIBUTIONS
TO CONTEMPORARY SOCIOLOGY

ALIENACIÓN Y EXPLOTACIÓN DEL TRABAJO
EN KARL MARX: ACTUALIDAD Y CONTRIBUCIONES A LA
SOCIOLOGÍA CONTEMPORÁNEA

Italo Matheus Leporassi Iora¹

Resumo

O não-reconhecimento do trabalhador com o trabalho e com os seus produtos foi um dos principais temas investigados por Karl Marx, autor clássico das Ciências Sociais. O objetivo deste artigo é apresentar uma síntese do conjunto das formulações do jovem Marx sobre o trabalho alienado e sua articulação com as demais categorias referentes à exploração do trabalho em seu período maduro, que nos possibilitem refletir sobre a atualidade para a Sociologia. Desse modo, foi feita uma revisão e uma análise bibliográfica sobre o assunto. Apontamos para a relevância da possibilidade de utilização das categorias ontológicas e reflexivas de Marx para operacionalizar novos estudos empíricos sobre o mundo do trabalho.

Palavras-Chave: alienação do trabalho; sociologia do trabalho; teoria marxiana.

Abstract

The non-recognition of the worker with work and its products was one of the main themes investigated by Karl Marx, classic author of Social Sciences. The objective of this article is to present a synthesis of the set of young Marx's formulations about alienated work and its articulation with the other categories related to the exploitation of work in his mature period, enabling us to reflect on the relevance to sociology. Thus, it was made a review and analysis of the literature on the subject. We point to the relevance of the possibility of using Marx's ontological and reflective categories to operationalize new empirical studies on the world of work.

Keywords: alienation of work; sociology of work; Marxian theory.

¹ Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: italoleporassi@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0175-1052>

Resumen

El no reconocimiento del trabajador con el trabajo y sus productos fue uno de los principales temas investigados por Karl Marx, autor clásico de Ciencias Sociales. El objetivo de este artículo es presentar una síntesis de las formulaciones del trabajo alienado del joven Marx y su articulación con las otras categorías relacionadas con la explotación del trabajo en su período de madurez, que nos permitan reflexionar sobre la actualidad para la sociología. Por lo tanto, una revisión bibliográfica y análisis sobre el tema se llevó a cabo. Señalamos la relevancia de la posibilidad de utilizar las categorías ontológicas y reflexivas de Marx para operacionalizar nuevos estudios empíricos sobre el mundo del trabajo.

Palabras clave: alienación del trabajo; sociología del trabajo; teoría marxista

INTRODUÇÃO

São notáveis as contribuições de Karl Marx para o surgimento das Ciências Sociais, tanto que é considerado um dos fundadores e um dos autores clássicos da Sociologia ao lado de Émile Durkheim e Max Weber. Nesse artigo pretendemos explorar por meio de suas obras, principalmente os *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*, de 1844, e o livro *um d'O Capital* (1867), a concepção formulada pelo pensador alemão de alienação do trabalho e sua relação com outras categorias fundamentais de sua teoria social. As questões que nortearam a construção desse artigo foram: qual é o conceito de alienação do trabalho em Marx? Como se articula com outras categorias referentes à exploração do trabalho? E qual é a relevância para a Sociologia contemporânea? O resgate e a apresentação de tais conceitos visa contribuir para o debate da possibilidade de seu uso como ferramentas conceituais em pesquisas sociológicas atuais sobre o mundo do trabalho. Para isso, realiza-se uma análise bibliográfica sobre o tema, apresentando, de maneira sintética, parte do conjunto da teoria marxiana e, ao final, discutimos a relevância e a atualidade do conceito para a Sociologia contemporânea. O estudo está organizado da seguinte forma: na primeira parte, contextualizamos a trajetória do autor, assim como, pontuamos alguns pressupostos básicos de sua teoria e de suas principais influências filosóficas. Na segunda, apresentamos sua concepção de estranhamento/alienação do trabalho encontrada nos MEF² e sua relação com a já mais refinada teoria do valor presente na maturidade. Na

² Manuscritos Econômicos-Filosóficos.

terceira parte, discutimos a atualidade e a influência de tais conceitos para Sociologia, fazendo por último algumas considerações finais.

CONTEXTO HISTÓRICO E TRAJETÓRIA INTELECTUAL

Karl Heinrich Marx (1818-1883) nasceu em Trier, na província da Renânia pertencente à Prússia, em uma Alemanha ainda não unificada. Estudou Direito, Filosofia e História na Universidade de Berlim, onde teve contato com a filosofia de Hegel e tornou-se membro de um círculo filosófico chamado de jovens hegelianos. Doutorou-se em Jena (1841), assumindo posteriormente a chefia da Gazeta Renana, e seus escritos críticos tiveram repercussão negativa para o regime político vigente em sua nação de origem e, em decorrência disso, foi expulso da Alemanha. Rumou para a França, aproximando-se dos socialistas utópicos, porém, novamente, foi ordenada sua expulsão. Por fim, veio a se estabelecer na Inglaterra (MOCELIN, 2017).

Apesar de, em sua juventude, ter almejado carreira acadêmica, Marx nunca foi aceito nesse campo devido às conturbações políticas da época e de sua crítica radical da sociedade de seu tempo. Entre 1843 e 1844, sob influência do materialismo filosófico de Ludwig Feuerbach (1804-1872), Marx começou a se distinguir enquanto pensador original a partir da sua crítica do pensamento hegeliano (NETTO, 2009). Conhece em 1844, Friedrich Engels (1820-1895), filho de um industrial têxtil, seu principal amigo e colaborador. Sua atenção se voltará para a realidade existente, principalmente, na Inglaterra, emergida da revolução industrial (1760-1840), no processo que marca a passagem do trabalho artesanal da manufatura para a produção com máquinas da grande indústria, entre elas, o tear mecânico, a máquina a vapor e as chamadas máquinas ferramentas (MARX, 1996b). O desenvolvimento das forças produtivas, o cenário das fábricas e o aumento expressivo da massa de trabalhadores fabris direciona o olhar do pensador alemão para as mazelas e para os conflitos sociais existentes entre as novas classes sociais surgidas desse processo: a burguesia, proprietária dos meios de produção e sua classe antagônica, o proletariado, estes que detêm apenas a força de trabalho.

Podemos caracterizar o conjunto teórico marxiano a partir do desenvolvimento da crítica da filosofia alemã (Hegel, Feuerbach, entre outros), da economia política inglesa, principalmente, Ricardo e Smith, e do socialismo utópico francês (Owen, Fourier e

Proudhon) (MOCELIN, 2017). Tendo como ponto de partida a dialética hegeliana³ e fazendo sua inversão em bases materialistas⁴, Marx construiu sua abordagem sobre como ocorrem os processos sociais e históricos que culminam em mudanças estruturais das sociedades. Afirma que estas acontecem quando se passa de um modo social de organização e de produção da vida para outro através da luta de classes. Assim, a divisão social do trabalho tem um papel central em sua análise, como o trabalho enquanto marcador ontológico.

“Foi com o trabalho que o ser humano “desgrudou” um pouco da natureza e pôde, pela primeira vez, contrapor-se como sujeito ao mundo dos objetos naturais. Se não fosse o trabalho, não existiria a relação sujeito-objeto. O trabalho criou para o homem a possibilidade de ir além da pura natureza.” (KONDER, 2008, p. 24)

Dessa forma, podemos notar que há, em Marx, uma preocupação com a ontologia-histórica do homem e sua relação com o trabalho, o intercâmbio necessário com a natureza que possibilita a transformação e a produção da realidade. Na obra *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels nos mostram alguns pressupostos de sua análise, evidenciam-se “os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação” (MARX; ENGELS, 2007, p. 86-87).

ALIENAÇÃO DO TRABALHO NO JOVEM KARL MARX

Marx desenvolveu o conceito de trabalho alienado tomando por empréstimo a categoria trabalho assalariado da economia política articulado ao conceito de alienação proveniente da filosofia. O conceito de trabalho alienado nos é apresentado em MEF, uma série de textos de Marx escritos em 1844, publicados postumamente pela primeira vez na União Soviética em 1932.

Segundo Marx, a economia política clássica veria apenas o trabalho positivado, ignorando a conexão objetiva entre o trabalhador e a produção. O estudioso alemão afirma nesses manuscritos que: “O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza

³ Esse tipo de interpretação da realidade baseia-se nos processos de mudanças em que ocorrem movimentos representados por uma tese que contém em si mesma a sua antítese. Ela, por sua vez, não acaba se sobressaindo totalmente sobre a afirmação inicial, gerando por fim uma síntese, que promoverá uma alteração qualitativa da realidade em questão, conservando os elementos fundamentais da tese inicial.

⁴ “Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento [...] é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado” (MARX, 1968, p.16).

produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão” (MARX, 2004, p.80). Quanto mais o trabalhador produz novas mercadorias, valorizando o mundo das coisas (Sachenwelt), mais desvalorizado é o mundo dos homens (Menschenwelt). Na medida em que cria mercadorias em geral, o trabalho torna-se mercadoria, assim como converte em mercadoria aquele que trabalha. O trabalhador, no processo de trabalho, condensa sua vida no objeto de trabalho, que a suga como se fosse sua. No final do processo de intercâmbio com a natureza, o produto não o pertence, mas, sim, a outro, exercendo um poder autônomo ao produtor.

Esse processo de estranhamento com o objeto de trabalho nada mais é que o resultado do estranhamento/alienação existente na própria atividade produtiva, no ato de produção do objeto em questão. Tanto é que, no trabalho, o sujeito se encontra “fora de si”, só sente “junto a si” quando não está trabalhando. O modo de produção capitalista, alicerçado na relação de interesses divergentes entre capital e trabalho, burgueses e proletários, determina uma forma histórica de existência “genérica-individual” dos homens no percurso histórico de autoafirmação enquanto seres sociais (MORAES et al. 2010). O estranhamento do produtor com o produto de seu trabalho e com a atividade de efetivação do trabalho (objetivação das suas energias intelectuais e físicas) resulta em uma inversão da relação com os demais animais na natureza⁵.

“Chega-se, por conseguinte, ao resultado de que o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos etc., e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano animal.” (MARX, 2004, p. 83)

Há, na atividade vital dos animais, correspondência direta com sua existência. Não se tem distinção entre elas, o animal é sua atividade vital. Já, para os homens, a atividade para suprir suas necessidades vitais é um “objeto da sua vontade e da sua consciência” (MARX, 2004, p. 84). Se é na atividade vital que se localiza o caráter genérico de uma espécie, o ser genérico do homem é sua atividade livre e consciente, que o distingue dos animais. No entanto, ao estar estranhado em relação a natureza e a sua função vital, a vida se torna um fim em si mesma (MARX, 2004).

⁵ “O trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, da sua essência, apenas um meio para sua existência.” (MARX, 2004, p. 84-85).

O trabalho estranhado ao estranhar o homem do seu ser genérico acaba por aliená-lo do seu potencial humano, pois o trabalho converte-se em apenas meio para a reprodução de sua existência física (COSTA, 2015). Ao alienar-se daquilo que é universal de seu gênero e de sua essência espiritual, desdobra-se o estranhamento do homem consigo próprio e com os demais. Marx pontua que: “[...] a questão de que o homem está estranhado do seu ser genérico quer dizer que um homem está estranhado do outro, assim como cada um deles [está estranhado] da essência humana” (MARX, 2004, p.86).

Segundo Moraes et al. (2010), podemos apresentar o movimento teórico da alienação/estranhamento do trabalho em Marx a partir de duas dimensões. A primeira diz respeito à dimensão histórica do estranhamento e da alienação em relação aos produtos do trabalho e das atividades de trabalho presentes no processo de produção em um dado período histórico. E a segunda, enquanto uma perspectiva ontológica do estranhamento e da alienação do ser social genérico, da sua relação com a natureza e com a essência humana, que tem como consequência imediata a alienação entre os homens. O processo de alienação se realiza de maneira prática, ou seja, a alienação tem bases materiais e só transpassa para dimensão subjetiva após a consciência ter sido interpelada pela realidade (MORAES et al, 2010).

ALIENAÇÃO ENQUANTO PROCESSO DE EXPLORAÇÃO DO TRABALHO

No conceito de trabalho alienado, fica evidente que, se o produto do trabalho se torna estranho e atua como poder autônomo e hostil ao seu produtor, ele pertence a alguém. “Se sua atividade é martírio, então ela tem de ser fruição para um outro e alegria de viver para um outro. Não os deuses, não a natureza, apenas o homem mesmo pode ser este poder estranho sobre o homem”. (MARX, 2004, p.86). Para Marx (2004), a propriedade privada é antes o produto do que a causa do trabalho alienado, contrariando, assim, o entendimento da economia política de que o trabalho estranhado seria efeito da propriedade privada, tal como os deuses são o efeito e não causa da falha do entendimento humano. Porém, o autor ressalta que, com o tempo, essa relação torna-se ação recíproca

A relação já descrita, a partir de Marx, do trabalho com o trabalhador, desenvolve também a relação de apropriação do capitalista (dono do trabalho) com os produtos do trabalho. Da mesma forma, o autor compreende a ligação do salário com o trabalho, “pois o salário é somente uma consequência necessária do estranhamento do trabalho” (MARX,

2004, p.88). Marx, nos MEF, adiantaria, o que anos mais tarde iria desenvolver com primor e com meticulosidade n'*O Capital*, a conexão das categorias e o movimento do capital no modo de produção capitalista, sendo a mercadoria sua forma fundamental. Vejamos mais sobre relação entre as categorias citadas.

Ele inicia essa obra argumentando que a riqueza em que impera a produção capitalista se apresenta “como uma imensa coleção de mercadorias” (MARX, 1996a, p.165). A mercadoria é, inicialmente, um objeto ou bem material ou imaterial, que devido as suas propriedades satisfaz necessidades humanas (MARX, 1996a). Para que um objeto se torne mercadoria, é necessário que sirva como valor de uso para o destinatário e que essa relação seja mediada através da troca. Porém, seria impossível distinguir as mercadorias na troca devido suas qualidades diversas enquanto valores de uso. Dessa forma, a mercadoria também apresenta outro valor: “como valores de troca só podem ser de quantidade diferente, não contendo, portanto, nenhum átomo de valor de uso” (MARX, 1996a, p.167). O valor de troca, a manifestação quantitativa do valor de uma mercadoria, pode ser comparada entre mercadorias de usos distintos⁶. Quando abstraído o valor de uso das mercadorias, a única propriedade que lhe resta é o fato de serem frutos do trabalho humano, da *substância constituidora de valor* (MARX, 1996a). Marx afirma ser possível medir o *quantum* de trabalho exteriorizado nas mercadorias através de unidades de tempo (hora, dia, entre outras) que constituem o *trabalho socialmente necessário*⁷ para produção de determinada mercadoria, sendo maior seu valor conforme maior seja a quantidade de trabalho despendida em sua produção.

Portanto, no capitalismo, o trabalho possui a contradição expressa por produzir valores de uso e valores de troca⁸. O trabalho vivo possuindo a qualidade de criar algo útil e necessário às necessidades do homem é apropriado pelo capitalista que compra sua força de trabalho para explorá-la na produção de mercadorias. O capitalista apropria-se, segundo Marx, do tempo de trabalho excedente produzido pelos trabalhadores, convertendo essa parte do tempo de trabalho realizado, além do necessário, em *mais-*

⁶ O dinheiro posteriormente se metamorfoseia no equivalente geral de todas as mercadorias.

⁷ É a média do trabalho socialmente necessário para a produção de determinado valor de uso, baseado em condições normais de intensidade de trabalho e de habilidades técnicas requeridas em certa sociedade em um período histórico (MARX, 1996a).

⁸ “Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força humana de trabalho em sentido fisiológico e, graças a essa sua propriedade de trabalho humano igual ou abstrato, gera o valor das mercadorias. Por outro lado, todo trabalho é dispêndio de força humana de trabalho numa forma específica, determinada à realização de um fim, e, nessa qualidade de trabalho concreto e útil, ele produz valores de uso”. (MARX, 2013, p. 124).

*valia*⁹, que é elemento fundamental para obter posteriormente seu lucro e sua base da exploração capitalista. O salário, de tal modo, nunca corresponde ao que o trabalhador realmente produziu, serve apenas para o trabalhador repor-se das mercadorias básicas necessárias para conseguir continuar trabalhando no dia seguinte.

O trabalho é depreciado da qualidade de trabalho útil e concreto e é comprado apenas para produzir os valores de troca a que interessa o capitalista, tornando-se trabalho abstrato. Aí, reside a alienação, o trabalhador é ele mesmo convertido em mercadoria e, como as demais mercadorias fica à mercê da lei do valor. No final do capítulo sobre a mercadoria, Marx nos apresenta outro conceito semelhante à alienação do trabalho e que constitui também as condições de realização do trabalho alienado, o fetichismo da mercadoria. E dá a explicação no que consiste esse caráter fetichista da mercadoria:

“O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtos com o trabalho total como uma relação social existente fora deles entre objetos.” (MARX, 1996, p. 198)

Tal caráter não adviria das propriedades físicas das mercadorias e de seus valores de uso. “Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, 1996a, p.198). O trabalho individual dos produtores só entra em relação com os outros através da produção social total do trabalho, possível pela divisão social do trabalho, aparecendo como relações de troca. No entanto, elas aparecem como relações sociais entre as coisas, apresentando-se como característica imanentes desses objetos, que nada mais são na realidade que os produtos do trabalho humano que têm seu valor determinado por relações sociais. Porém, no capitalismo, elas ganham vida perante as relações reificadas entre as pessoas, o que acaba gerando tal fantasmagoria (MARX, 1996a). O autor argumenta que o processo da produção material, produção social da vida, apenas se livrará de seu véu mistificador quando ficar sob o controle de seus produtores livremente associados, conduzindo uma economia planejada e consciente.

⁹ Marx afirma haver duas formas de extrair a mais-valia: aumentando a jornada de trabalho e o ritmo do trabalho, extraindo, assim, o tempo de trabalho excedente realizado pelos trabalhadores, mecanismos que chama de mais-valia absoluta. Ou pelo rebaixamento da remuneração da força de trabalho através do barateamento dos produtos necessários à reposição da força de trabalho causado pelo aumento da produtividade, resultante da implementação de inovações tecnológicas nos meios de produção.

SUBORDINAÇÃO DO TRABALHO VIVO PELO TRABALHO MORTO

Em *O capital*, toda a análise empreendida por Marx pressupõe implicitamente a não-identificação do trabalhador com o produto de seu trabalho. A reificação das relações humanas resultante do fetiche da mercadoria tem as mesmas consequências do estranhamento do trabalho: dá vida às coisas ao passo que desumaniza os homens ao torná-los mercadorias. No capítulo XIII, “*Maquinaria e grande indústria*”, Marx descreve o processo de introdução da maquinaria nos processos de trabalho que, segundo ele, possibilitou a entrada do trabalho feminino e infantil nas fábricas. É nesse movimento que os trabalhos coletivo e socializado se tornam “uma necessidade técnica ditada pela natureza do próprio meio de trabalho” (MARX, 1996b, p.20). A maquinaria como propriedade do capitalista se converte em um poderoso instrumento capaz de elevar a jornada do trabalho, ultrapassando qualquer limite natural (MARX, 1996b). Segundo Marx, quando se passa a ter uma maior regulação pública sobre as indústrias, principalmente, sobre o trabalho infantil e o limite da jornada de trabalho, o sistema de máquinas é usado para recuperar os prejuízos à obtenção de mais-valia. Assim, sob julgo do capitalista, a maquinaria é usada de maneira sistemática para “espremer” quantidades maiores de trabalho em um mesmo período de tempo através do aumento da velocidade das máquinas e do acréscimo de máquinas perante a responsabilidade do mesmo operário (MARX, 1996b).

É desse estranhamento/alienação da atividade produtiva que Marx falava nos MEF de 1844. A maquinaria é usada como meio para espoliação de trabalho humano, pois ela mesmo não cria valor, apenas transfere parte do valor de trabalho contida em si. Sem contato com a parte viva existente na força de trabalho, interrompe-se o processo de valorização. Na produção da grande indústria capitalista, é o trabalho morto (maquinaria) quem dita a produção, aprofundando-se o estranhamento do ser humano com o trabalho: “a facilitação do trabalho torna-se um meio de tortura, já que a máquina não livra o trabalhador do trabalho, mas seu trabalho de conteúdo” (MARX, 1996b, p.55-56). Comparando o processo de trabalho na manufatura, Marx argumenta.

“Na manufatura e no artesanato, o trabalhador se serve da ferramenta; na fábrica, ele serve a máquina. Lá, é dele que parte o movimento do meio de trabalho; aqui ele precisa acompanhar o movimento. Na manufatura, os trabalhadores constituem membros de um mecanismo vivo. Na fábrica, há um mecanismo morto,

independente deles, ao qual são incorporados como um apêndice vivo.” (MARX, 1996b, p. 55)

Marx conclui que os efeitos sobre as condições de trabalho não decorrem da maquinaria em si, mas do uso que se faz dela pelos detentores dos meios de produção. Pois, com sua aplicação, poder-se-ia facilitar o trabalho, encurtar o tempo de trabalho socialmente necessário de produção, liberando mais tempo de vida para a humanidade, além de representar uma vitória do homem sobre as forças da natureza.

ATUALIDADE DOS PRESSUPOSTOS MARXIANOS

O conceito de estranhamento/alienação do trabalho encontrada inicialmente nos MEF, publicado na primeira metade do século XX, é o resultado das primeiras inflexões do pensamento do jovem Marx, que tem sido cada vez mais resgatado por estudiosos e sociólogos do marxismo humanista, corrente que busca contrapor interpretações mais economicistas no seio do marxismo (NETTO, 2009). O intelectual húngaro, György Lukács (1885-1971), por exemplo, um dos fundadores do marxismo ocidental, levou adiante o desenvolvimento do conceito de reificação. Tal como Lukács, a Teoria Crítica dos pesquisadores da Escola de Frankfurt, foi influenciada pelas categorias marxianas constituintes do trabalho alienado, sobretudo, a primeira geração, ao formular sua crítica à razão instrumental e o fetichismo da técnica e da indústria cultural¹⁰. O seu impacto, portanto, para a sociologia contemporânea é imenso, sendo bastante utilizada, principalmente, nos estudos da área da Sociologia do Trabalho. Tal conceito contribuiu para diversos estudos que partiram de premissas marxianas para as investigações sobre os fundamentos das reestruturações produtivas ocorridas no mundo do trabalho no século XX: o taylorismo-fordismo, o toyotismo, a acumulação flexível e os seus efeitos para a organização do trabalho¹¹. Assim como para compreender as mudanças no interior da classe trabalhadora, cada vez mais heterogênea e atravessada por interseccionalidades de raça, gênero, geração, entre outras (ANTUNES, 2009).

A análise empreendida por Marx dos processos de trabalho e de valorização das mercadorias remete ao início da produção industrial capitalista do século XIX. Assim, a pergunta que fica suspensa no ar, dos quais muitos já tentaram responder afirmativamente

¹⁰ Cf. ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

¹¹ Cf. HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 17ªed. Edições Loyola: São Paulo, 2008.

ou não, é: tal interpretação da realidade daquela época continua válida para a atualidade? Para procurar respondê-la, é necessário fugir de uma possível resposta dualista. Após a primeira e a segunda Revolução Industrial, vistas por Marx (a segunda em parte), há um consenso científico que, no século XX, houve uma terceira, composta principalmente pela computação e pela automação. Atualmente, estar-se-ia na fronteira de uma quarta, possível pelos sistemas *cyber-físicos*. Constatado esses fatos, podemos afirmar que muitos dos processos ligados ao trabalho humano se tornaram mais complexos, sobretudo, a partir da terceira revolução industrial.

Diante desse cenário, autores chegaram a anunciar a morte da teoria do valor de Marx, devido a suposta impossibilidade de mensurar a exploração do trabalho, como Gorz (2005), ou mesmo o fim do trabalho alienado (SCHAFF, 2007). Outros não se deixaram levar por esse diagnóstico e viram na diminuição do trabalho fabril um deslocamento de grandes contingentes de trabalhadores para outros setores, como o de serviços, ao passo que persistia, no entanto, a lógica industrial dos processos de trabalho e uma relação cada vez mais precária de contratação da força de trabalho, muito diferente do marco das relações de emprego do período fordista.

A partir dos anos 1990 e com avanço significativo no século XXI, a internet como um dos produtos das TICs alterou ainda mais a grande fotografia do universo do trabalho. Com a possibilidade de romper mais rapidamente fronteiras espaço-temporais e descentralizar de maneira mais latente a produção, a internet acalorou ainda mais o debate em torno do trabalho. Com ela, o capitalismo reinventou modelos até então cristalizados de empresas, cujo resultado é uma empresa flexível e enxuta, marcando uma fase que Srnicek (2017) chama de *platform capitalism*, advogando que a nova matéria-prima essencial dessas empresas e *start-ups* são os dados. A exploração do trabalho nas plataformas digitais tem sido a representação da precarização do mercado do trabalho na contemporaneidade. A pandemia de covid-19 aliada aos retrocessos de direitos efetuados pelos governos neoliberais agravou ainda mais este quadro¹².

¹² O advento da pandemia de covid-19 impactou profundamente o já desestruturado mercado de trabalho brasileiro. O aumento do número de desempregados, possibilidade legal de redução de salários e de jornadas ou de suspensão de contratos de trabalho, o regime de trabalho *home-office* e o uso de novas tecnologias da informação e comunicação nas relações de trabalho foram alguns dos efeitos que a pandemia acelerou no mundo do trabalho. No entanto, formas de resistência e de contestação acompanham esse processo, como as duas paralisações nacionais de entregadores por aplicativos que ocorreram neste ano, em função do agravamento das condições de trabalho dos entregadores. Entre as demandas, estão o aumento do valor

Com isso, queremos explicitar que apesar das mudanças significativas ocorridas no mundo do trabalho pelas revoluções tecnológicas e da conjuntura política atual, a base que sustenta todo o complexo produtivo e na qual o setor de serviços amplia sua participação é a lógica capitalista de acumulação e de reprodução de capital. Portanto, atualmente, existe uma grande heterogeneidade de tipos de trabalho, sejam materiais/imateriais, produtivos/reprodutivos, formais/informais, coexistindo e alimentando de alguma forma a valorização e a reprodução do capital. Essa diversidade de fisionomias do trabalho e de mudanças no interior da classe trabalhadora, assim como novas formas de resistência à racionalidade neoliberal¹³, é um chamado aos sociólogos para explorar esse universo empírico a partir das categorias ontológicas e reflexivas apresentadas nesse artigo.

No caso da categoria de alienação do trabalho, a utilização dela pode servir tanto como categoria para análise de dados empíricos como também para contribuir na construção de instrumentos técnicos de pesquisa, como índices de qualidade de trabalho, questionários, roteiros de entrevistas, entre outros, a serem respondidos por trabalhadores e trabalhadoras. Pelo fato de o conceito dar conta de diferentes “graus” ou “níveis” de estranhamento, o seu uso pode ser útil em diferentes objetos de estudo: pesquisas mais focalizadas nas condições e nos processos de trabalho, ou em relação a subjetividade, satisfação e sentidos do trabalho, como também nos estudos que procurem abordar as relações de socialização e de solidariedade entre os trabalhadores. No entanto, essas indicações não necessariamente são limitadas às pesquisas sobre o mundo do trabalho, visto que a falta de sentido e de identificação do trabalhador com trabalho tem implicações que acompanham esses sujeitos na vida “fora” do trabalho.

Podemos também recorrer a outras categorias extremamente ricas presentes em *O capital*. Uma das grandes contribuições de Marx para a Sociologia está nos seus estudos sobre as relações contraditórias entre trabalho morto (maquinaria tecnológica) e trabalho vivo (força de trabalho), fenômeno que está se agudizando nas últimas décadas. Essas reflexões nos proporcionam diversos *insights* para pensar os novos conflitos entre o trabalho e as novas tecnologias que são tomadas como auxiliares do capital na contemporaneidade para sustentar sua dominação, inclusive, fora do trabalho. Se é que

pago aos entregadores pelas entregas e a maior transparência dos aplicativos. Cabe a sociologia do trabalho acompanhar tais processos e analisá-los a partir de suas ferramentas sociológicas.

¹³ Cf. DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

atualmente seja possível fazer tal distinção. Assim, “sobre os ombros” de Marx, podemos encontrar muitas pistas que nos auxiliem em nossa jornada enquanto pesquisadores propostos a compreender e a interpretar a realidade social que nos cerca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pontuamos, desde as formulações de Marx, muita coisa mudou. O avanço de novas revoluções técnicas e científicas impulsionou o desenvolvimento de novas tecnologias de informação e de comunicação a um patamar extraordinário. A automação vem reduzindo o emprego de força de trabalho no setor industrial, porém, não eliminando sua necessidade. Não obstante, observa-se um processo de expansão do trabalho imaterial e intelectual, e, de outro lado, um processo intenso de precarização do trabalho, do qual o exemplo nítido dos dias atuais é o trabalho desregulado e mediado por plataformas digitais¹⁴. Tudo isso fez fomentar o debate em torno da atualidade e da validade da teoria do valor de Marx¹⁵ e de seus pressupostos filosóficos acerca da alienação do trabalho. A necessidade de estudos empíricos e a atualização de aspectos do conjunto teórico marxiano são necessários para dar conta da realidade contemporânea e evitar transposições mecânicas de conceitos datados historicamente, esforço que diversos pesquisadores vêm fazendo.

Destarte, cremos ser de extrema importância o estudo do autor e de seus conceitos na graduação de Sociologia e nas áreas afins, devido seu estatuto de autor clássico das Ciências Sociais¹⁶. Ademais, porque muitas das suas formulações permanecem atuais, o capitalismo apesar de se modificar constantemente para manter sua reprodução e hegemonia enquanto sistema econômico e social, continua sendo capitalismo, afirmado isto, alguns de seus mecanismos fundamentais permanecem os mesmos. Assim, o estudo do conceito de trabalho alienado e demais categorias envoltas no núcleo da teoria de Marx podem servir de um rico referencial teórico para novas investigações acerca do trabalho,

¹⁴ Cf. ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. **Contracampo**, v. 39, n. 1, p. 27–43, 2020.

¹⁵ Cf. HUWS, Ursula. Vida, trabalho e valor no século XXI: desfazendo o nó. **Caderno CRH**, v. 27, p. 13–30, 2014.

¹⁶ “Clássicos devem ser entendidos como autores que tiveram um papel destacado na fundamentação de uma área de conhecimento, mas que, devido à exuberância e complexidade de sua obra, estimulam, sempre que revisitados, *insights* sobre questões contemporâneas nas áreas de conhecimento que ajudaram a fundar” (MOCELIN, 2017, p. 177).

aprofundando o conhecimento das complexidades da contemporaneidade de capitalismo tardio e contribuindo para ir além das observações do pensador alemão.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. **Contracampo**, v. 39, n. 1, p. 27–43, 2020.

COSTA, Marta Nunes da. O que Marx nos pode ensinar sobre a nova “classe perigosa” – Crítica, neoliberalismo e o futuro da emancipação humana. **Novos estudos CEBRAP**. v. 101, p.97-114, março/2015.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

GORZ, André. **O imaterial**: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 17ªed. Edições Loyola: São Paulo, 2008.

HUWS, Ursula. Vida, trabalho e valor no século XXI: desfazendo o nó. **Caderno CRH**, v. 27, p. 13–30, 2014.

KONDER, Leandro. **O que é dialética?** 28º ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, I, 1,1968.

MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. Livro 1, t.1. São Paulo: Nova Cultural, 1996a.

MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. Livro 1, t.2. São Paulo: Nova Cultural, 1996b.

MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOCELIN, Daniel Gustavo. **Quatro Olhares Fundadores**: Pistas para desvendar a sociologia clássica de Marx, Durkheim, Weber e Simmel. Porto Alegre: Cirkula, 2017.

MORAES, Betânia; AYRES, Natália; TECEIRO, Emanoela; JIMENEZ, Suzana. A categoria trabalho em Marx e Engels: uma análise introdutória de sua legalidade onto-histórica. **Revista eletrônica arma da crítica**, n.2, 2010.

NETTO, José Paulo. Introdução ao método da teoria social. 2009. Disponível em: <http://www.unirio.br/unirio/cchs/ess/Members/morena.marques/disciplina-servico-social-e-processos-de-trabalho/bibliografia/livro-completo-servico-social-direitos-sociais-e-competencias-profissionais-2009/view>; Acesso em: 15 de jul. 2020.

SCHAFF, Adam. **A Sociedade Informática**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SRNICEK, Nick. **Platform Capitalism**. Cambridge: Polity, 2017.

* Artigo recebido em 12 de agosto de 2020,
aprovado em 19 de outubro de 2020.